

# Sociedade da imprevisibilidade, subjetividade aberta e sistema de crenças religiosas: uma crítica ao planejamento cultural de B. F. Skinner

*Cláudio Ivan de Oliveira\**

*Hérica Landi de Brito\*\**

*Hyrata Hykeno Abe\*\*\**

*Marcos Cristiano dos Reis\*\*\*\**

*Janos Biro Marques Leite\*\*\*\*\**

## Resumo

O problema posto no presente artigo é: a proposta skinneriana de uma ciência do comportamento como produtora de uma tecnociência capaz de promover previsibilidade e controle da vida social é aplicável à sociedade da imprevisibilidade e à subjetividade aberta que emergiram no contexto da globalização? Usando os conceitos de sociedade da imprevisibilidade e subjetividade aberta, os autores argumentam que a imprevisibilidade e o descontrole estabeleceram-se como marcas das interações macro e microsociais na globalização. Tal mudança decorreu da supressão de crenças religiosas da tradição cristã originária, bem como da secularização do horizonte da realização humana. Assim sendo, estabeleceu-se um hiato entre a proposta skinneriana de planejamento cultural e sociedade da imprevisibilidade.

**Palavras-chave:** sociedade da imprevisibilidade; subjetividade aberta; planejamento cultural; behaviorismo radical.

---

\* PUC-GO. É psicólogo, doutor em psicologia pela UnB. Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). E-mail: claudioivan.psi@ucg.br.

\*\* UNB. Possui graduação e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: herica\_lb@hotmail.com.

\*\*\* UFG. Possui graduação em Ciências Sociais e está concluindo o mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: hyrataabe@hotmail.com.

\*\*\*\* UFG. Possui graduação em Ciências Sociais e está concluindo o mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: marcosoreis@gmail.com.

\*\*\*\*\* UFG. É graduado em Filosofia e mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: janosbirozero@gmail.com.

## **Society of unpredictability, open subjectivity and religious belief system: a critique to B. F. Skinner's cultural design**

### **Abstract**

Is Skinner's proposal of a science of behavior as the producer of a technoscience capable of promoting predictability and control of social life applicable to the society of unpredictability and to the open subjectivity that have emerged in the context of globalization? This is the problem posed by this article. Using the concepts of society of unpredictability and open subjectivity, the authors argue that unpredictability and uncontrol are marks of the macro and microsocial interactions in globalization. This change resulted from the suppression of religious beliefs from the original Christian tradition, as well as from the secularization of the human achievement. Therefore, a gap was established between Skinner's suggestion of cultural design and society of unpredictability.

**Keywords:** society of unpredictability; open subjectivity; cultural design; radical behaviorism.

## **Sociedad de la imprevisibilidad, subjetividad abierta y sistema de creencias religiosas: una crítica al planificación cultural de B. F. Skinner**

### **Resumen**

El problema puesto a este artículo es: ¿la propuesta de Skinner de una ciencia de la conducta como productora de una tecnociencia capaz de promover la previsibilidad y el control de la vida social es aplicable a la sociedad de la imprevisibilidad y de la subjetividad abierta que surgió en el contexto de la globalización? Utilizando los conceptos de sociedad de la imprevisibilidad y subjetividad abierta, los autores argumentan, que la imprevisibilidad y el descontrol se han establecido como marcas de las interacciones macro y microsociales en la globalización. Tal cambio resultó de la supresión de las creencias religiosas de la tradición cristiana originaria, así como de la secularización del horizonte de la realización humana. Por lo tanto, se ha establecido una brecha entre la propuesta de Skinner de la planificación cultural y la sociedad de la imprevisibilidad.

**Palabras clave:** sociedad de la imprevisibilidad; subjetividad abierta; planificación cultural; behaviorismo radical.

B. F. Skinner (1904-1990), um dos psicólogos mais renomados do século XX, desenvolveu o planejamento cultural a partir da crença de que o acúmulo do conhecimento sobre o comportamento permite a produção de uma tecnociência comportamental para elevar a previsibilidade e o controle<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O conceito de controle é polissêmico na literatura skinneriana. Carrara (2005) revisou vários usos do conceito em Skinner. Um primeiro sentido refere-se ao controle de variáveis no trabalho com o método experimental na pesquisa de laboratório. O uso do conceito no presente artigo direciona-se a outro sentido, no qual controle significa a aplicação da tecnociência do comportamento ao mundo social, visando solucionar problemas sociais

da vida social. Esta proposta revela o otimismo e a pretensão da psicologia behaviorista no século XX, sendo objeto de atenção do behaviorismo radical na contemporaneidade.

O problema posto para o presente artigo é: a proposta skinneriana de uma ciência do comportamento como produtora de uma tecnociência capaz de promover previsibilidade e controle da vida social é aplicável à sociedade da imprevisibilidade<sup>2</sup> e à subjetividade aberta<sup>3</sup> que emergiram no contexto da globalização<sup>4</sup>? A tese a ser fundamentada neste artigo é que o planejamento cultural de Skinner não se aplica à sociedade da imprevisibilidade. Isto porque esta sociedade é caracterizada por processos macrossociais (economia, cultura) e microssociais (biografia individual) em descontrole. A fundamentação da tese apoiar-se-á em algumas variáveis, oportunamente definidas, que produziram a sociedade da imprevisibilidade e a subjetividade aberta. Tais variáveis são o *ethos* da *pleonexia*, a cultura em descontrole, a ética do prazer, o desenraizamento e a desconessionalização traditivos.

---

mediante a programação de variáveis ambientais (planejamento cultural). Um terceiro uso do conceito de controle aparece na literatura skinneriana na afirmação do postulado determinista de que todo comportamento é causado por variáveis ambientais. O presente artigo não tem interesse em polemizar contra este *postulado* behaviorista radical.

- <sup>2</sup> O conceito de sociedade da imprevisibilidade foi cunhado para o presente artigo com o objetivo de caracterizar o horizonte social de imprevisibilidade que emergiu na globalização. Diversos cientistas sociais têm analisado a indeterminação no nível macrossocial da política, da economia (HERMANS, DIMAGGIO, 2007; GIDDENS, 2001; PIRES, 2009a) e da cultura (FORTUNA, SILVA, 2002) a partir da globalização.
- <sup>3</sup> Subjetividade aberta é um conceito cunhado para o presente artigo, especificando o caráter de fluxo ateleológico e imprevisível do consumo, descarte e novo consumo de identidades no cotidiano do indivíduo na sociedade da imprevisibilidade. Psicólogos (HERMANS, DIMAGGIO, 2007; ARNETT, 2001; GERGEN, 1991) e sociólogos (PIRES, 2009b; BAUMAN, 2008; GIDDENS, 2002) têm salientado a emergência desse caráter contingente da biografia individual.
- <sup>4</sup> A globalização não é objeto de estudo da psicologia. Como processo social a globalização é objeto de estudo da sociologia da globalização e de outras ciências sociais. À psicologia cabe estudar os efeitos da globalização sobre o indivíduo, objeto privilegiado da psicologia. Posta esta distinção epistemológica do objeto de estudo da psicologia e da sociologia, não faz sentido falar em psicologia da globalização, conceito usado por Arnett (2001). O que Arnett (2001) investiga, na verdade, são aspectos da psicologia do indivíduo em contexto de globalização. O mesmo vale para dois outros proeminentes exemplos de teorias psicológicas no contexto de globalização: a teoria do *self* dialógico de Hermans (HERMANS, DIMAGGIO, 2007) e a teoria do *self* saturado de Gergen (1991, 2002).

É necessário iniciar a reflexão com uma breve exposição do planejamento cultural de Skinner<sup>5</sup> para, depois, expor sua incompatibilidade com a sociedade da imprevisibilidade e a subjetividade aberta.

## **O planejamento cultural de B. F. Skinner**

Onde está enraizada a tese skinneriana de que o acúmulo do conhecimento sobre o comportamento permite a produção de uma tecnociência para elevar a previsibilidade e o controle da vida social? O sociólogo Zygmunt Bauman (1999) denominou “modernidade sólida” a convicção iluminista de que uma presente ordem social imperfeita deve ser dissolvida para que ocorra a construção, mediante a aplicação da racionalidade instrumental, de uma nova ordem mais sólida, duradoura e redutora da incerteza. Uma tese presente na modernidade sólida é que o conhecimento produz o controle.

O ideal da modernidade sólida exerceu influência sobre o behaviorismo norte-americano que, juntamente com os psicólogos funcionalistas, rompeu com o ideal não aplicativo da psicologia estrutural de Titchener (1899). Marx e Hillix (2001) interpretaram o behaviorismo de J. B. Watson como um programa de progresso social. Watson (1930) considerou que seu behaviorismo forneceria as bases para uma educação científica capaz de remodelar a sociedade. O projeto watsoniano de remodelagem tecnocientífica da sociedade foi assumido e desenvolvido de forma mais arrojada no behaviorismo radical de B. F. Skinner em sua proposta de planejamento cultural.

O planejamento cultural de Skinner é o exemplo mais abrangente e ousado do papel da psicologia como uma ciência do comportamento vinculada ao ideal da modernidade sólida. Skinner definiu o planejamento cultural como uma ação deliberada para a modificação de práticas culturais: “Não será possível mudar o ambiente social deliberadamente de forma que o produto humano esteja mais de acordo com especificações aceitáveis?” (SKINNER, 2003, p. 464). Práticas culturais são conjuntos complexos de comportamentos executados por pessoas que interagem entre si, transformando seu ambiente físico e social. No planejamento cultural é necessário

---

<sup>5</sup> A exposição sumária do planejamento cultural focará o pensamento skinneriano, pois o objetivo do presente artigo é dialogar com a matriz do pensamento social de B. F. Skinner, especificamente sua tese de que o acúmulo do conhecimento psicológico permite elevar a previsibilidade e o controle da vida social. Não será abordada a literatura mais recente sobre o planejamento cultural porque ela não propõe uma mudança substancial na referida tese skinneriana, no máximo redimensiona as estratégias para sua viabilidade (CARRARA, 2008). Para os leitores interessados nas discussões mais recentes sobre planejamento cultural sugerimos algumas leituras: Sampaio e Andery (2010), Dittrich (2008), Andery, Micheletto e Sérgio (2005), Carrara (2008), Rumph et al. (2005), Hawkins e Greene, (1995), Todorov e Moreira (2004), Martone e Todorov (2007).

considerar contextualmente as consequências das práticas culturais em ambientes sociais e naturais diferenciados nos quais operam contingências particulares. As práticas culturais que são benéficas em um contexto podem ser danosas em outros. Os colonizadores europeus da Groenlândia adotaram práticas culturais de pecuária, bem-sucedidas em sua região de origem, mas que se mostraram inaplicáveis ao clima da Groenlândia em virtude do longo período gelado sem disposição de pastagens (DITRICH, 2008). Deste modo, uma tarefa fundamental do planejamento cultural é analisar quais práticas culturais produzem efeitos interessantes em um dado contexto. Mas qual é o critério para avaliar se uma prática cultural é interessante? Na ética skinneriana a sobrevivência da cultura é o valor fundamental. Em nome deste valor, todos os outros efeitos das práticas culturais são relativizados. A felicidade individual, a liberdade individual e a justiça podem, se necessário, ser sacrificadas: “a sobrevivência muitas vezes está em conflito direto com os valores tradicionais” (SKINNER, 2003, p. 469).

A ideia de valor de sobrevivência das práticas culturais foi desenvolvida por Skinner a partir da teoria da variação e seleção natural de Darwin. Skinner identificou três níveis de seleção pelas consequências: filogenético, ontogenético e cultural (SKINNER, 1984, 1995). Como no caso da seleção natural filogenética, as culturas e suas práticas estão sujeitas a uma situação de competição e seleção, pois as práticas culturais afetam “o sucesso do grupo na competição com outros grupos ou com o ambiente não-social” (SKINNER, 2003, p. 468).

Skinner reconheceu a dificuldade de calcular o valor de sobrevivência das práticas culturais, pois, “as situações práticas são quase sempre mais complexas que aquelas de laboratório” (SKINNER, 2003, p. 472). Skinner reconheceu também as dificuldades políticas, econômicas e culturais de implementação de um planejamento cultural (SKINNER, 1976, 1978, 1983, 1987). Ele considerou que as mudanças teriam resistência, tão logo ficasse claro que ameaçassem governos, religiões e empreendimentos econômicos. No entanto, essas considerações não impediram Skinner de lançar-se em um projeto auspicioso de planejamento científico da evolução de uma cultura (SKINNER, 1973) no qual a tecnociência do comportamento era o único instrumental confiável para explicação e interferência em ambientes sociais complexos, cujas contingências poderiam ser corrigidas por planejamento explícito.

Uma demonstração dos processos comportamentais básicos em condições simplificadas nos habilita a ver esses processos funcionando em casos complexos, mesmo que não possam ser rigorosamente tratados. Se os processos forem reconhecidos, o caso complexo pode ser *inteligentemente manejado*. (SKINNER, 1973, p. 473, grifo nosso).

Esta proposta já estava presente em *Walden II*, comunidade fictícia que Skinner (1978a) sugeriu considerar como um experimento piloto.

O otimismo tecnocientífico de Skinner deve ser interpretado a partir de duas variáveis presentes na sociedade americana e ocidental pós-Segunda Guerra Mundial. No contexto americano, a emergência da sociedade industrial, analisada na obra de Herbert Marcuse (1973), foi marcada pelo otimismo tecnológico da aceleração econômica industrial com a consequente promessa de emprego e potencial de consumo para os indivíduos. Skinner<sup>6</sup> foi um representante desse otimismo. No contexto mais amplo da sociedade ocidental, as duas guerras mundiais significaram um golpe na fé iluminista e na racionalidade científica como promotoras do progresso. A bipolarização do mundo no pós-guerra, marcada pela tecnologia industrial da corrida armamentista, projetou o temor escatológico de uma aniquilação nuclear do planeta (MARCUSE, 1973). Nesse contexto ameaçador, Skinner (2003) desenvolveu um “pseudomessianismo psicológico-cientificista”<sup>7</sup> que pretendeu reafirmar a ameaçada fé iluminista (modernidade sólida) na racionalidade tecnocientífica como única variável promotora do processo autorredentivo da história.

Na verdade, *esta é nossa única esperança*. Se pudermos observar cuidadosamente o comportamento humano, de um ponto de vista objetivo e compreendê-lo pelo que ele é, poderemos ser capazes de adotar um curso mais sensato de ação. [...] só neste caso *os resultados serão sabiamente aplicados*. É possível que a ciência tenha vindo em socorro e que *a ordem seja finalmente alcançada na esfera dos assuntos humanos*. (SKINNER, 2003, p. 5-6, grifo nosso).

---

<sup>6</sup> Skinner (1983) era um crítico do consumismo incentivado na cultura americana a partir da política econômica keynesiana do governo de F. D. Roosevelt. No planejamento cultural de Skinner, o consumo deveria ser racionalizado para evitar a ameaça do esgotamento de recursos ambientais e a poluição. Apesar dessa crítica, Skinner mostrou-se fervoroso defensor do crescimento dos recursos tecnológicos como garantia de sobrevivência da cultura e, secundariamente, da felicidade dos indivíduos (1978).

<sup>7</sup> Usamos o conceito de pseudomessianismo psicológico-cientificista para identificar a projeção da esperança de desfatalização da história depositada por Skinner sobre a ciência do comportamento. De acordo com Pannenberg (2008), o ideal moderno de progresso, que preconiza uma racionalidade tecnocientífica como via autorredentiva na história, é oriundo de uma secularização como possibilidade de mundanizar um sentido de referência originalmente transcendente em um sentido imanente e, em consequência, aliená-lo de seu sentido original. Essa secularização preservou um papel messiânico, originalmente presente na tradição cristã, projetado agora sobre a racionalidade científica moderna em seu papel autorredentivo que substituiu o papel tradicional da providência cristã. Assim sendo, Skinner é um herdeiro de um ideal de salvação originariamente religioso e posteriormente mundanizado no iluminismo.

A próxima sessão lança uma pergunta sobre o pseudomessianismo psicológico-cientificista: é sustentável a tese de que conhecimento psicológico pode elevar a previsibilidade e o controle da vida social na sociedade da imprevisibilidade?

## **Psicologia e sociedade da imprevisibilidade**

A data da morte de Skinner, em 1990, revela que seu pensamento social se desenvolveu antes do atual processo de globalização<sup>8</sup>. Foi o fim da Guerra Fria, consumado na dissolução do império soviético, em 1991, que estabeleceu as condições para a integração econômica, cultural, política e para a globalização da informação (SANTOS, 2005). Desde então, a interpretação sociológica e econômica do contexto de globalização tem revelado uma complexificação sem precedentes da vida social, tornando obsoleta qualquer teoria que não considere este novo contexto.

A ordem social globalizada produziu a sociedade da imprevisibilidade, caracterizando uma situação em que as interações macrosociais e microsociais desenvolvem-se em um horizonte de indeterminação. Os tópicos a seguir abordarão três aspectos da sociedade da imprevisibilidade: economia, cultura e biografia individual.

## **A crise financeira internacional de 2008 e o *ethos* da pleonexia**

Uma demonstração do caráter de imprevisibilidade da sociedade globalizada ocorreu na crise financeira internacional deflagrada em 2008. A potência expansiva desta crise dependeu da relação conflituosa entre o capitalismo financeiro internacional e o capitalismo de mercado. O caráter de instabilidade do capitalismo financeiro decorre de seu comprometimento exclusivo com a maximização do lucro dos investidores, sem compromisso com a estabilidade do capitalismo de mercado, nem com a produção ou manutenção de emprego. Nessas condições, o capitalismo de mercado fica sob a ameaça ininterrupta de uma rede de relações, produtora de incerteza, já que a circulação do capital depende da motivação e interpretação dos investidores. A procura pela maximização do lucro produz uma movimentação do capital sem compromisso com os possíveis efeitos sobre a instabilidade do capitalismo de mercado. Essa incerteza na economia globalizada só foi possibilitada pelo desenvolvimento de uma tecnologia da comunicação que permitiu a circulação do capital em tempo real, com flexibilidade impensável sem esta tecnologia, caracterizando o que Manuel Castells (2005) interpretou como sociedade em rede.

---

<sup>8</sup> Pode-se falar de um processo incipiente de globalização anterior ao final da Guerra Fria. No entanto, como processo de integração global com amplas consequências econômicas, sociais, políticas, culturais e subjetivas, trata-se de um fenômeno pós-Guerra Fria.

As possibilidades deletérias dessa instabilidade, capaz de deflagrar crises globais, preocuparam acadêmicos europeus antes da eclosão da crise financeira internacional de 2008. Giddens (2001) propôs a regulamentação do sistema financeiro internacional: “para monitorar as transações com eficácia, pode-se criar um organismo especializado – uma autoridade financeira mundial. Sua principal tarefa seria fazer o gerenciamento do risco sistêmico na economia financeira mundial” (p. 129).

Uma instigante interpretação da crise financeira internacional de 2008 foi desenvolvida pelo sociólogo Anderson C. Pires (2009a), defendendo a tese de que uma variável psicológica, o *ethos* da *pleonexia*, é a força motriz para o impulso expansionista do capitalismo global:

Mas o que mantém funcionando a mecânica desta engrenagem econômica chamada capitalismo global? Na análise de Hobbes, ganância e ambição, que produzem conflito macro-social entre os homens em seu estado de natureza e fomenta a irrupção de uma “guerra generalizada”, são variáveis psicológicas que precisam ser contidas pela intervenção política do Estado (Leviatã). *Não seria equivocado dizer que estas mesmas variáveis psicológicas, que estruturam uma arquitetura moral orientada pela ação desatinada da pleonexia, devam ser consideradas a mola propulsora da Odisseia do capitalismo global em sua vocação expansionista.* (PIRES, 2009a, p. 86, grifo nosso).

O termo grego *pleonexia* é composto por *pleon* (mais) e *ekho* (ter), sugerindo uma busca desatinada e compulsiva pela riqueza. Esta é a variável psicológica em descontrole que desvenda a movimentação desordenada expansionista do capitalismo global. Pires (2009a) refutou a tese de Giddens (2001), exposta acima, de que o problema da instabilidade na relação entre capitalismo financeiro e capitalismo global pode ser solucionado pela melhor regulamentação do sistema financeiro internacional. Pires (2009a) sustenta que o *ethos* da *pleonexia* manifesta o perfil narcísico identificado na cultura do narcisismo (LASCH apud PIRES, 2009a), caracterizada pela produção de uma subjetividade que se aliena da necessidade do outro, vivendo apenas para a necessidade do eu. Esta variável psicológica (*ethos* da *pleonexia*) é rebelde a qualquer intervenção de um sistema regulamentador do sistema financeiro que objetive uma relação de equilíbrio entre este (sistema financeiro) e o capitalismo de mercado.

O argumento de Pires (2009a) acerca da incontrolabilidade da disposição psicológica do *ethos* da *pleonexia* encontra evidência empírica na prática de criminosos que procuraram as brechas na legislação do sistema financeiro

com o objetivo de se beneficiar sempre à custa do prejuízo dos outros<sup>9</sup>. Pires (2009a) conclui que não foi a vocação expansionista do sistema financeiro americano/mundial, nem sua falta de regulamentação legal, que provocou o início do terremoto em *Wall Street*; mas, sim, o “desejo insaciável” de banqueiros em “querer sempre mais” à custa do prejuízo de outrem. A contribuição central para o objetivo do presente artigo é que Pires (2009a) mostra que um fato psicológico em descontrole, o *ethos* da *pleonexia*, produz um fato econômico em descontrole, a saber, o ambiente econômico de incerteza.

Uma objeção behaviorista à interpretação de Pires (2009a) é que um fato psicológico (*ethos* da *pleonexia*) não surge no vácuo, mas organiza-se a partir de uma interação com o meio ambiente. Quanto a esta objeção, Pires (2009a) surpreende seu possível crítico ao extrair da ética protestante, analisada por Max Weber (1999), a fonte histórica da legitimação moral do *ethos* da *pleonexia*. A tese pode parecer paradoxal a princípio, já que Weber (1999) identificou um senso de ascetismo, portanto repressão, na ética do ascetismo intramundano do calvinismo, enquanto Pires (2009a) fala de *ethos* da *pleonexia* marcado pela ganância irrefreada. Porém, Pires (2009a) dissipou essa dúvida no seguinte trecho:

É possível que a ética calvinista tenha escondido este espírito *pleonexo* no fomento de uma conduta moral ascética e racional, sem, contudo, conseguir esconder o claro objetivo de desculpabilizar a consciência do indivíduo para a qual o decreto da eleição incondicional havia imputado seu veredicto de justificação por fé. A mundanização do *ethos* protestante calvinista se transformou em mordedura algoz colocada a serviço do sistema capitalista para ser arremetido contra toda tentativa de separar e definir semanticamente as diferenças axiológicas dos dois reinos naturalmente antagonísticos: o sacro e o profano. Nesta capacidade política de cooptação constitutiva do sistema capitalista, o protestantismo histórico não teve como escapar da crítica do próprio Marx, que o chamou de “religião burguesa”. *A pleonexia é o coração deste sistema*, e é através dela que ele forja sempre novas maneiras de reorientar e renormatizar o *telos* de sua sobrevivência que se fundamenta na lei universal do: acumulai, acumulai, acumulai: eis aí a lei e os profetas. (PIRES, 2009a, p. 88-89, grifo nosso).

<sup>9</sup> A fraude financeira arquitetada por Bernard L. Madoff, ex-presidente da Nasdaq, revelada no contexto da crise de 2008, ficou famosa por seu imenso volume de dinheiro e duração, mas é apenas um dos casos de exploração das brechas na regulamentação financeira para maximizar lucros na indústria financeira. A mídia internacional revela constantemente muitos outros casos dessa prática recorrente.

Podemos concluir, a partir da tese de Pires (2009a), que as “práticas culturais”, engendradas no capitalismo financeiro, ameaçadoras à estabilidade econômica e à “sobrevivência das culturas”, decorrem de uma legitimação originalmente religiosa de um sistema de crenças (a ética protestante). Essa legitimação desculpabilizou o senso *pleonexo*<sup>10</sup> do homem capitalista moderno ocidental, dando-lhe justificativa moral para um valor típico da racionalidade capitalista: a busca desenfreada pelo acúmulo. Pires (2009a) deixa perceber o fato de que a ética protestante calvinista, ao legitimar moralmente a *pleonexia*, sepultou a variável repressora imposta pela religião cristã neotestamentária a esta disposição psicológica. Assim, o problema central da crise financeira internacional de 2008 está no sistema de crenças subjacente a todas as práticas culturais engendradas no capitalismo global: este sistema de crenças vê-se livre do veto religioso neotestamentário imposto pelo imperativo do contentamento no qual a racionalidade da renúncia era uma força repressora ao *ethos* da *pleonexia*.

Os resultados da COP 15, em 2009, e da COP 16, em 2010, corroboram a interpretação de Pires (2009a). Houve resistência dos países em assumir metas de redução da emissão de carbono que comprometessem seu projeto de aceleração do crescimento econômico. Representando este projeto *pleonexo* estão as grandes corporações econômicas com seu imenso poder de influência sobre as decisões políticas.

É plausível a proposta de um planejamento cultural para controle das práticas *pleonexas* do mercado financeiro internacional? A tese de Pires (2009a) impõe uma resposta negativa. A proposta de um senso preventivo, orientado para o controle do comportamento dos indivíduos agentes do mercado financeiro, encontra o obstáculo de uma variável psicológica em descontrole: o *ethos* da *pleonexia*.

## Cultura em descontrole

No tópico acima foi salientado o aspecto de descontrole econômico do capitalismo global. A interpretação das ciências sociais tem demonstrado que o descontrole típico da globalização também se projeta na cultura. O traço marcante de indeterminação da produção cultural globalizada pode ser caracterizado pelo conceito de *cultura em descontrole*<sup>11</sup>. A interpretação dos antropólogos Fortuna e Silva (2002) dá substância a esta ideia. Estes autores

---

<sup>10</sup> Neologismo formado por Pires (2009a) a partir de *pleonexia*, designando aquele que se orienta a partir da motivação *pleonexa*.

<sup>11</sup> Cultura em descontrole é um conceito cunhado para o presente artigo para caracterizar o aspecto ateleológico e indeterminado que assumiu a produção de bens simbólicos no contexto de globalização.

interpretaram os efeitos da globalização nos mecanismos e condições de produção, distribuição e consumo de bens simbólicos culturais.

O temor inicial dos interpretes da globalização era que seu efeito fosse a produção de uma homogeneização cultural em virtude do papel das indústrias culturais, que acentuariam a produção cultural industrial, reduzindo o espaço para a inovação estética. Essa homogeneização cultural está, de fato, presente na globalização, em seu processo de oferta cultural, com papel destacado para os EUA, cuja indústria cultural desempenha papel de uniformização na oferta cultural, por exemplo, na música e no cinema.

No entanto, a globalização produziu uma surpreendente heterogeneização cultural, conforme tem revelado a interpretação antropológica (FORTUNA SILVA, 2002). Esta heterogeneização ocorre porque a produção cultural chega a grupos culturais muito diversos, de forma que, no ato do consumo de um bem ou evento cultural, há possibilidades de recombinação ativa por parte dos receptores. O encontro das diferenças desencadeado nas interações culturais abre a possibilidade, por parte das indústrias culturais, de assimilar e globalizar localismos provenientes dos mais diversos grupos sociais. As zonas de cruzamento abrem a possibilidade constante de sincretismos culturais que possibilitam hibridação, isto é, produção de novas formas culturais mistas. A Nova Era é um exemplo desse caráter hibridizante da cultura em descontrolé (PACE, 1997).

Na globalização, é impossível prever, em um conjunto imenso de agentes locais receptores e ressignificadores, quais serão os resultados simbólicos. Portanto, há um impasse entre a proposta de um planejamento cultural, conceito que enfatiza um processo teleológico, uma inteligência diretiva e o contexto de uma cultura em descontrolé, conceito que enfatiza um processo ateleológico, desprovido de inteligência diretiva.

## A ética do prazer e a emergência da subjetividade aberta

Cabe agora abordar o nível microsocial da sociedade da imprevisibilidade, na qual a subjetividade aberta vive a construção de uma autobiografia em descontrolé. O presente artigo propõe que duas variáveis, não exploradas nas teorias psicológicas<sup>12</sup>, são necessárias para explicar o surgimento da

<sup>12</sup> Na psicologia, algumas teorias têm abordado a emergência da subjetividade aberta no contexto de globalização. Arnett (2001) salientou que a globalização tem produzido um conflito identitário (biculturalidade) marcado pela coexistência de uma identidade baseada na cultura local e outra identidade baseada no que Arnett chama de cultura global. Esta confusão identitária é marcadamente crescente entre jovens de culturas não ocidentais. Outro ponto salientado por Arnett (2001) é que a globalização, especialmente em países mais desenvolvidos, proporcionou a emergência de um período de transição na juventude, caracterizado pela exploração de múltiplas possibilidades no amor, na educação e no trabalho.

subjetividade aberta: a ética do prazer (PIRES, 2009b) e o desenraizamento tradicional (PACE, 1997; PIRES, 2010).

O conceito de ética do prazer foi cunhado por Pires (2009b) para caracterizar o modo de vida hedônico da sociedade globalizada, no qual todo esforço humano é orientado para a maximização do prazer e minimização da dor: “ele (o prazer), apesar de ser percebido multifenomenologicamente nas várias configurações de existência social no mundo da vida, *é aquela realidade para a qual todo esforço humano parece ter encontrado sua semântica escatológica definida em termos axiológicos*” (PIRES, 2009b, p. 48, grifo nosso).

Pires (2009b) sustentou que uma ética do prazer preconiza o protesto contra a ética do contentamento, presente na tradição cristã neotestamentária, que afirma o arquétipo do religioso renunciante. Para este, o sofrimento (dor) presente adquire significado e é suportado a partir da esperança escatológica de superação na ressurreição dos mortos.

O protesto contra a tradição cristã escatológica apareceu na pena de Nietzsche, em seu reclame secularizador pela valorização do mundo. Nietzsche notou que a crença na ressurreição dos mortos, preconizada como valor central na mensagem paulina, era a variável que projetava o olhar humano para a esperança do mundo vindouro, fundamentando o ascetismo moral do cristão. Por isso, esta crença foi objeto central da crítica da razão niilista de Nietzsche. A hedonização da vida presente é a recompensa oferecida pela razão niilista de Nietzsche depois de destruir a crença escatológica cristã na ressurreição dos mortos. Pires (2009b) notou que foi esse ideal secularizador e hedonizante de Nietzsche que influenciou o pensamento de Freud:

Sigmund Freud, inspirado pela filosofia da existência de Nietzsche, rejeita o modelo iluminista de razão instrumental colocada a serviço da moral do dever,

---

A teoria do *self* dialógico de Hermans (HERMANS; DIMAGGIO, 2007) considera que o contexto de globalização multiplica as vozes no ambiente social, produzindo, consequentemente, uma multiplicidade de vozes conflitantes no *self*. A exigência de tomada de decisões em situações cotidianas requer negociações entre as posições conflitantes do *self*, resultando no estabelecimento de uma hierarquia momentânea de posições.

A teoria do *self* saturado de K. Gergen (1991, 2002) propôs que as tecnologias da modernidade (mídia, transporte, comunicação) produziram uma saturação social, na qual há uma multiplicidade de ofertas de identidades conflitantes. O povoamento do *self* nesse ambiente social resulta na experiência de *multifrenia*, marcada por um senso de fragmentação e aleatoriedade das identidades coexistentes no *self* de um mesmo indivíduo.

Optou-se, no presente artigo, por não lançar mão das referidas teorias psicológicas porque elas não abordaram as variáveis que o presente artigo aponta como importantes, não únicas, na origem da subjetividade aberta: o *ethos* da *pleonexia*, a ética do prazer e o desenraizamento e desconfessionalização tradicional do novo evangélico brasileiro. Assim, lançamos mão de textos de sociólogos que abordaram esses temas.

e admite que o homem seria melhor compreendido a partir das disposições instituais aduzidas pela e na racionalidade da satisfação (princípio do prazer). É óbvio que por trás dessa crítica freudiana existe um forte protesto de natureza ética contra os imperativos categóricos da religião que condicionaram as pessoas a aceitar a dor como *modus vivendi fidei* num mundo sem horizontes hedônicos. (PIRES, 2009b, p. 51-52).

É por isso que a religião tornou-se, para Freud, a expressão da racionalidade proibitiva preconizada no superego, fonte da culpa neurotizante (FREUD, 1978). Daqui se aduz um postulado antropológico de Freud, de que o ideal moral religioso da renúncia deve ser obliterado em favor da promoção do bem-estar de um indivíduo hedonicamente orientado. Este postulado, conforme interpretou Pires (2009b), constituiu alimento substancial para a construção da ética do prazer no Ocidente: a gratificação do indivíduo tornou-se um valor, enquanto o ideal religioso da renúncia tornou-se um contravalor.

A psicologia, em muitos de seus sistemas teóricos, ecoou o postulado freudiano da centralidade do bem-estar do indivíduo como valor supremo de uma ética do prazer. Esse eco foi ouvido na psicoterapia centrada na pessoa, de Carl R. Rogers (2001), na qual se reivindicou para o indivíduo uma liberdade *axiopoietica*<sup>13</sup>. O terapeuta rogeriano é um agente destradicionalizante<sup>14</sup>, que assume a postura de aceitação incondicional diante da liberdade *axiopoietica* do cliente para construir sua biografia orientada pelo ideal do bem-estar individual<sup>15</sup>, sem a presença heterônoma da verdade formular traditiva (GIDDENS, 1997).

A ética do prazer foi uma variável cultural fundamental para o surgimento da subjetividade aberta. Isto porque a ética do prazer abriu espaço para um critério narcísico para o indivíduo consumir e descartar identidades<sup>16</sup>: consumir as identidades que aumentam seu bem-estar e descartar as identidades que ameaçam o bem-estar.

---

<sup>13</sup> Liberdade *axiopoietica* relaciona-se ao conceito de *axiopoiesis*, ideia emblemática do existencialismo de J. P. Sartre, referindo-se à liberdade incondicionada do indivíduo para construir autonomamente seus valores.

<sup>14</sup> Destradicionalização é um conceito usado na sociologia para designar o processo de perda de força da tradição para a cristalização das identidades nas interações sociais (GIDDENS, 1991).

<sup>15</sup> A ética spinoziana foi assumida na modernidade como critério na biografia individual, na qual as escolhas do indivíduo trabalham com o critério de identificação entre o bom e o bem. Rompe-se, assim, com a ética do renunciante religioso, que distingue o bom (bem-estar) do bem.

<sup>16</sup> O argumento do presente artigo é que o critério narcísico de autobiografia recebeu grande contribuição da destradicionalização empreendida pela psicanálise e pela psicologia. Não é relevante aqui perguntar se esse efeito foi intencionado ou não pelos autores destas epistemes.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2007) identificou o movimento imprevisível da subjetividade aberta em seu conceito de *vida líquida*, na qual o futuro é projetado pelo indivíduo a partir da ansiedade de um não destino no qual a única certeza é que não haverá ponto de parada no movimento de mudança. É preciso vigiar tenazmente, sob o imperativo da ética do prazer, o surgimento de novos modelos identitários capazes de agregar atratividade ao eu, consumi-los e descartá-los rapidamente assim que modelos mais atualizados ganhem notoriedade (cf. BAUMAN, 2007).

A tese de que o conhecimento científico produz previsibilidade e controle mostrou-se malograda no nível da biografia individual. Não foi a falta de conhecimento psicológico que produziu esta imprevisibilidade biográfica, mas o acúmulo deste conhecimento e sua apropriação pelo leigo em seu exercício de reflexividade (cf. GIDDENS, 1991). Quanto mais a psicologia, e isso inclui o behaviorismo skinneriano, afirmava-se como força destradicionalizante na modernidade, mais a biografia individual ampliava seu aspecto de imprevisibilidade e descontrole (GIDDENS, 1991).

## Desenraizamento traditivo, desconfessionalização e emergência da subjetividade aberta

A segunda variável (além da ética do prazer) relevante para o surgimento da subjetividade aberta é o desenraizamento traditivo. O sociólogo da religião Enzo Pace (1996) trata o desenraizamento como a desconexão do sistema de crenças religiosas do indivíduo em relação à raiz traditiva originária de sua crença. O processo de desenraizamento crescente na globalização libertou o indivíduo para reinterpretar os símbolos religiosos das grandes tradições religiosas com a finalidade de adaptá-los a exigências perturbadoras que têm surgido no cotidiano complexificado do mundo globalizado.

Seguindo sugestão de Pace (1996), Pires (2010) interpretou o perfil etológico do novo evangélico brasileiro<sup>17</sup> a partir do processo de desenraizamento crescente na globalização. Pires (2010) propôs uma relação geracional

---

<sup>17</sup> O conceito usado na literatura sociológica para falar da modalidade de espiritualidade, analisado por Pires (2010), é o neopentecostalismo. Este conceito é usado na sociologia da religião para designar uma espiritualidade que enfatiza a mensagem da prosperidade e felicidade integral (financeira, física e psicológica) no mundo presente, rompendo com a crença escatológica da teologia cristã. Esta crença ensina que o crente deve suportar o sofrimento presente, projetando sua esperança para a realização trans-histórica, na ressurreição dos mortos. Algumas igrejas típicas da espiritualidade neopentecostal são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (MARIANO, 1999). Por razões que não convém especificar aqui, Pires (2010) não concorda com a conceituação clássica de neopentecostalismo, preferindo usar o conceito de “novo evangélico brasileiro”.

entre globalização e sistema de crenças religiosas. A globalização provocou um aumento da competitividade no mercado de trabalho (cf. CASTELLS, 1996) com uma reativa mudança no sistema de crenças religiosas para dentro do cotidiano, visando alterar positivamente o horizonte de competitividade. Para o novo evangélico brasileiro, a fé é o recurso a partir do qual ele se lança otimisticamente para a realização do ideal de felicidade que inclui o trabalho como lócus de gratificação psicomoral e maximização do potencial de consumo<sup>18</sup> (cf. PIRES, 2010).

Pires (2010) salienta que esse movimento secularizante (para dentro do mundo) do sistema de crenças religiosas do novo evangélico brasileiro implicou uma desconfeccionalização da fé evangélica brasileira, pois despotencializou a dimensão escatológica da crença religiosa cristã e suas verdades dogmáticas. A verdade dogmática fundamental da fé cristã é a morte e ressurreição de Cristo, crença que produzia, na consciência do crente, a implicação de satisfazer os ideais éticos resultantes dela. Esses ideais são expressos na ética de íterim<sup>19</sup>, na qual o desprezo pelo presente transitório, em função da realização da esperança da ressurreição prometida, é a base para uma vivência do amor *agápico* caracterizado na resignação do indivíduo em função do bem do outro, nunca da autossatisfação.

A desconfeccionalização do perfil do novo evangélico brasileiro privou-o da orientação ética da tradição cristã original. Note o leitor que esta crença escatológica na morte e ressurreição de Cristo produz coerência na conduta do crente, pois ele é chamado a revelar, em sua conduta, a verdade afirmada nos postulados de sua fé. A manutenção dessa coerência exige invariância na identidade do crente ante as circunstâncias ameaçadoras de sua existência (Rm 8.18). Ao contrário da nova subjetividade aberta, emergente na sociedade da imprevisibilidade, a crença escatológica cristã tradicional produz uma subjetividade que procura o ideal de coerência na identidade. Já a subjetividade aberta, orientando-se por uma ética desescatologizada<sup>20</sup> e direcionada pela ética do prazer, vive um processo de fragmentação, no qual identidades incoerentes entre si são assumidas ao longo do tempo com a finalidade de satisfazer o ideal de atratividade e competitividade.

<sup>18</sup> A gratificação psicomoral à qual Pires (2010) se refere é que, no trabalho, o novo evangélico brasileiro afirma sua inserção em um ideal de felicidade caracterizado pela identidade de produtivo, competitivo profissionalmente, bem-sucedido e competente para o consumo de bens (ex. carro, casa) que o notabilizam diante dos competidores.

<sup>19</sup> Ética de íterim é conceito utilizado para identificar o estilo de vida implicado pela crença na promessa de ressurreição dos mortos: o mundo presente é visto como provisório, a esperança do crente se projeta para a realização futura da promessa da ressurreição.

<sup>20</sup> Ética desescatologizada conceitua um estilo de vida oposto à ética de íterim, ou seja, voltado para o mundo presente como única possibilidade de realização.

Aprofundando sua análise, Pires (2010) caracteriza o novo evangélico brasileiro como sujeito *pleonexo*, orientado pela “impulsão aquisitiva”<sup>21</sup> e pela competitividade, que se lança para o trabalho como via da realização de um ideal de felicidade consumado no desejo de usufruir dos benefícios do progresso material. Esta espiritualidade autocentrada (*sélfica*) introduz o novo evangélico brasileiro na ordem social da gratificação imediata, na qual o bem se legitima pelo critério da autossatisfação (ética do prazer). A fronteira ética entre proibido e permitido não é mais julgada a partir de um tribunal de autocondenação na consciência do novo evangélico brasileiro.

O ponto importante para o presente artigo é que o novo evangélico brasileiro é um protótipo da subjetividade aberta. Sua desconessionalização o libertou para o movimento aberto exigido pelo processo de uma biografia em descontrole, pois a consciência autodesculpabilizada desse novo evangélico deixa aberto o movimento indefinido de consumo de identidades.

### **Considerações finais e conclusão**

A interpretação de Pires (2009a, 2009b, 2010) esclarece que a produção de uma sociedade da imprevisibilidade e de uma subjetividade aberta é produto de uma supressão de crenças religiosas da tradição cristã originária, bem como da secularização do horizonte da realização humana. Sem o imperativo religioso do contentamento, destruído pela ética calvinista (cf. PIRES, 2009a), e sem a crença escatológica na ressurreição dos mortos, destruída pela ética do prazer (cf. PIRES, 2009b), o apetite aquisitivo de riqueza e prazer não reconhece veto para seu movimento de realização intramundana.

Pires (2010, 2009a, 2009b) apresentou novas contribuições para o problema da emergência da nova subjetividade em contexto de globalização: o *ethos* da *pleonexia*, a ética do prazer e a relação geracional entre globalização e sistema de crenças religiosas. Nenhuma dessas variáveis foi considerada nas teorias psicológicas sobre a emergência de uma nova subjetividade em contexto de globalização (HERMANS; DIMAGGIO, 2007; GERGEN, 1991, 2002; ARNETT, 2001). A incorporação dessas contribuições é indispensável para que a reflexão psicológica possa compreender o problema da emergência da subjetividade aberta.

Os skinnerianos contemporâneos não atentaram para os elementos reflexivos postos no presente artigo, por isso não perceberam o hiato intransponível que se estabeleceu na globalização entre a proposta skinneriana do planejamento cultural e a sociedade da imprevisibilidade, com sua típica subjetividade aberta. A proposta de Pires e a emergência da cultura em descontrole levam-nos a

---

<sup>21</sup> Impulsão aquisitiva é conceito que Pires (2010) toma da sociologia weberiana.

concluir que os conceitos de previsibilidade e controle tornaram-se obsoletos para as lógicas das interações sociais produzidas na globalização.

A emergência da subjetividade aberta tem implicação também para a prática clínica da análise do comportamento. A análise comportamental clínica (cf. DE-FARIAS et al., 2010) procura interpretar e intervir na vida do indivíduo considerando seu microambiente imediato (exemplo: família, sala de aula, relações imediatas de trabalho). O erro metodológico desta prática é isolar o microambiente, considerando sua dinâmica autônoma e influência sobre a vida individual, como desconectada do macroambiente complexo emergente na globalização. Adotando esta metodologia, o analista clínico do comportamento fica inabilitado para captar os efeitos da globalização sobre a vida individual. Na sociedade da imprevisibilidade, o descontrole dos microambientes decorre de sua abertura incontrolável para a globalização da informação. O macroambiente da cultura em descontrole midiática modela que produzem crenças e valores consumidos pelos indivíduos no microambiente familiar, fenômeno amplamente demonstrado pela antropologia (cf. FORTUNA; SILVA, 2002). A literatura sociológica (GIDDENS, 2002; BAUMAN, 2007, 2008) e psicológica (HERMANS, DIMAGGIO, 2007; ARNETT, 2001; GERGEN, 1991) forneceu convincentes evidências de que as perturbações de um indivíduo que procura a psicoterapia devem ser interpretadas a partir de seu complexo ambiente de sociedade da imprevisibilidade. Assim sendo, é indispensável, na prática psicoterapêutica, uma ruptura com o modelo de interpretação da vida individual a partir do microambiente isolado.

No programa *Supernanny*<sup>22</sup>, o clínico prepara contingências para estabelecer uma ordem nas interações familiares desorganizadas. Em vários episódios da série, a personagem *Supernanny* programa contingências e diz para a criança: “obedeça seu pai”. Mas a criança e o adolescente interagem com o fluxo da globalização da informação, interagindo com uma cultura em descontrole, produtora de múltiplos modelos de interação familiar nos quais a referência autoritária do pai é frequentemente relativizada ou pulverizada. Além disso, a midiática da ética do prazer alimenta a subjetividade aberta desde a infância. O veto da autoridade paterna (não consuma!) é entendido como um obstáculo indesejável à experiência do prazer almejado pela subjetividade aberta. Portanto, não é possível reverter o processo de descontrole do microambiente.

---

<sup>22</sup> Os autores estão conscientes das grandes diferenças entre o procedimento no programa *Supernanny* e a prática da análise comportamental clínica (DE-FARIAS et al., 2010). No entanto, *em princípio*, o erro do modelo *Supernanny* é o mesmo do modelo acadêmico skinneriano. Ambos tratam o microambiente familiar como passível de uma intervenção ordenadora das interações sociais, desconsiderando o efeito incontrolável e imprevisível do macroambiente da globalização sobre o microambiente familiar.

O argumento do presente artigo é que a globalização, com a emergência da sociedade da imprevisibilidade e da subjetividade aberta, evidencia o fim de um dos mitos da psicologia científica: o *pseudomesianismo* psicológico-cientificista.

## Referências bibliográficas

- ANDERY, M. A. P. A.; MICHELETTO, N.; SÉRIO, T. M. A. P. A análise de fenômenos sociais: esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 1, n. 2, p. 149-165, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARRARA, K. **Behaviorismo radical: crítica e metacrítica**. São Paulo: Unesp, 2005.
- CARRARA, K. Entre a utopia e o cotidiano: uma análise de estratégias viáveis nos delineamentos culturais. **Revista Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 42-54, 2008.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- DE-FARIAS, A. K. C. R. et al. **Análise comportamental clínica: aspectos teóricos e estudos de caso**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DITTRICH, A. Sobrevivência ou colapso? B. F. Skinner, J. M. **Diamond e o destino das culturas**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 2, p. 252-260, 2008.
- FORTUNA, C.; SILVA, A. S. A cidade ao lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortes, 2002. p. 419-467.
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. In: Os pensadores. São Paulo: Abril, 1978, p. 85-128.
- GERGEN, K. J. **The saturated self**. New York: Basic Books, 1991.
- GERGEN, K. J. Self and community in the new floating worlds. In: NYIRI, K. (Org.). **Mobile democracy: essays on society, self and politics**. Vienna: Passagen, 2002. p. 103-114.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. Trad. Magda Lopes. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. (Orgs.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73-133.
- GIDDENS, A. **A terceira via e seus críticos**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HAWKINS, R. P.; GREENE, B. F.; FUQUA, W. Current societal concerns: introduction. **Journal of Applied Behavior Analyses**, v. 28, n. 4, p. 399-400, 1995.

- HERMANS, H. J. M.; DIMAGGIO, G. Self, identity, and globalization in times of uncertainty: a dialogical analysis. **Review of General Psychology**, v. 11, n. 1, p. 31-61, 2007.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade unidimensional**. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTONE, R. C.; TODOROV, J. C. O desenvolvimento do conceito de metacontingência. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 3, n. 2, p. 181-190, 2007.
- PACE, E. Religião e globalização. In: ORO, A. P.; STEIL, C. A. (Orgs.). **Globalização e religião**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 25-392.
- PANNENBERG, W. (1996). **Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. Trad. N. Schneider. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PIRES, A. C. Crise do capitalismo global e o *ethos* da *pleonexia*. **Teología y Cultura**, v. 10, p. 83-92, 2009a.
- PIRES, A. C. Ética do prazer e sociedade ateizante: uma análise socioteológica. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**, Ano III, v. 22, p. 48-56, 2009b. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/ciberteologia>>. Acesso em: 22 out. 2009.
- PIRES, A. C. **Globalização, desconfessionalização e espiritualidade evangélica no Brasil: uma análise socioteológica**. Estudos de Religião, v. 24, p. 25-36, 2010.
- ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RUMPH, R. et al. Guest editorial: twenty years later, commentary on Skinner's "Why we are not acting to save the world". **Behavior and Social Issues**, v. 14, p. 1-6, 2005.
- SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. Comportamento social, produção agregada e prática cultural: uma análise comportamental de fenômenos sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, p. 183-192, 2010.
- SANTOS, B. S. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Trad. João Cláudio Todorov e Rodolpho Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SKINNER, B. F. Answers for my critics. In: WHEELER, J. H. (Org.). **Beyond the punitive society**. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1973. p. 255-266.
- SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SKINNER, B. F. Walden Two revisited. In: SKINNER, B. F. (Org.). **Walden two**. New York: MacMillan, 1976.
- SKINNER, B. F. **Walden II: uma sociedade do futuro**. Trad. Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva. São Paulo: EPU, 1978a.
- SKINNER, B. F. Are we free to have a future? In: SKINNER, B. F. **Reflections on behaviorism and society**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1978b. p. 16-328.
- SKINNER, B. F. Estado em alerta máximo. **Revista Veja**, 771, p. 3-6, 15 jul. 1983.
- SKINNER, B. F. Selection by consequences. **The behavioral and brain sciences**, v. 7, p. 477-481, 1984.

SKINNER, B. F. Why we are not acting to save the world. In: SKINNER, B. F. **Upon further reflection**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1987. p. 1-14.

SKINNER, B. F. **Questões recentes em análise do comportamento**. Trad. Anita Liberalesso Neri. Campinas: Papirus, 1995.

TITCHENER, E. B. **Structural and Functional Psychology**. 1899. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca>. Acesso em: 13 set. 2005.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. **Análise experimental do comportamento e sociedade: um novo foco de estudo**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, p. 25-29, 2004.

WATSON, J. B. **Behaviorism**. New York: Norton, 1930.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. Maria Irene de Queiroz Ferreira Szmrecsányi e T. J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1999.

Submetido em: 23/2/2012

Aceito em: 17/12/2012